

LETRAMENTO DIGITAL E ESCRITA DE MILITÂNCIA: FACETAS DO ATIVISMO LGBTQIA+ HIPERTEXTUALIZADO EM *POST* DE FACEBOOK

Filipe Santos Guerra

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: filipe.guerra16@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

Ana Claudia Oliveira Azevedo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB (Brasil)

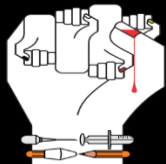
Endereço eletrônico: 98anaclaudia@gmail.com

1643

INTRODUÇÃO

De acordo com Bakhtin (2016), qualquer discurso se manifesta em textos, sendo que estes se organizam em gêneros discursivos. Desde o século XX, a partir de seu reconhecimento, essa teoria tem servido de subsídio para diversos trabalhos que tratam de enunciado, mas, atualmente, uma especificidade tem exigido sua revisão: as tecnologias digitais têm modificado a forma de concepção/manuseio dos textos por parte dos indivíduos através do *hipertexto*. Segundo Xavier (2015, p. 79), o hipertexto é “o ‘texto da internet’ no qual se encontram palavras, imagens, vídeos e sonoridades, todos passíveis de percepção simultânea, coocorrendo sem concorrer, uma vez que todos os modos enunciativos colaboram para a produção de sentido”.

Esse texto — contido e ligado a outros, que costura, assim, uma rede de episódios de comunicação na qual pensamentos e conhecimentos apresentam pontos de contato — pode ser definido, consoante o autor, a partir de cinco características. A primeira delas é a *imaterialidade/virtualidade*: fazendo uso de um *mouse* ou uma *touchscreen*, é possível “tocar” os componentes que formam o todo hipertextual, porém, senti-lo fisicamente é impossível. A segunda é a *ubiquidade*: caso haja acesso à internet, o hipertexto se torna disponível em dispositivos eletrônicos de vários sujeitos, em diferentes lugares, de forma simultânea; A terceira é a *convergência de linguagens*: o hipertexto abarca várias representações sígnicas (imagens, sons, vídeos etc.) e aplica, igualmente, na tela digital, cada uma delas. A quarta é a *não-linearidade*: o produtor de um hipertexto pode corporificar o seu discurso com a intenção de que o sujeito cumpra



a leitura de forma não-linear. E a quinta é a *intertextualidade infinita*: a criação de inter-relações entre textos se torna mais profícua em hipertextos, dado que esse fenômeno pode se realizar a partir de diferentes recursos multissemióticos no ciberespaço.

Isso posto, ressaltamos que o hipertexto transcende limites geográficos, temporais e linguísticos, fatores que sempre afetaram o produto do processo comunicacional, além de viabilizar a aparição dos gêneros discursivos digitais, que existem para ser manipulados em dispositivos eletrônicos. Dado o exposto, percebemos que a introdução das tecnologias digitais nos campos do gênero e do texto geram a necessidade de o indivíduo ser digitalmente letrado, isto é, de ele “[...] saber se comunicar em diferentes situações, com propósitos variados, nesses ambientes [digitais], para fins pessoais ou profissionais” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 1).

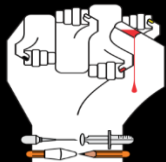
Considerando a relevância do assunto, decidimos analisar o fenômeno do enunciado em ambiente digital, mais especificamente no *site* de relacionamentos *Facebook*. Nosso objetivo foi verificar quais recursos ofertados por esta interface digital são utilizados por ativistas LGBTQIA+ e como eles são mobilizados dentro do gênero *post* de *Facebook*, por intermédio do letramento digital, para atingir objetivos interacionais e vontades discursivas. Para efetivar este trabalho, fizemos uso das premissas de Xavier (2015) acerca da definição e das características do hipertexto.

Isso posto, o texto que se segue explicita aspectos metodológicos do trabalho e discussões acerca dos dados que compõem o nosso *corpus*. Posteriormente, são explanadas conclusões sobre o que a análise nos revelou acerca das nuances do ativismo LGBTQIA+ materializado no gênero discursivo digital *post* de *Facebook*.

METODOLOGIA

O *corpus*¹ eleito para explicitar as peculiaridades da materialização do ativismo LGBTQIA+ em *post* de *Facebook* foi constituído pela captura de tela de uma publicação retirada do *website* em questão, mais especificamente da página *Quebrando o Tabu*. Escolhemos o campo político-ideológico LGBTQIA+ por considerarmos o assunto ainda um tabu mundial que reclama protagonismo em discussões acadêmicas.

¹ O *corpus* deste trabalho adveio do banco de dados de uma pesquisa de Mestrado intitulada “As Cores e as Dores da Comunidade LGBTQIA+: uma análise dialógica da hipertextualização da militância sexual e de gênero em *posts* de *Facebook*”, a qual foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente seção, apresentamos a análise dos dados que selecionamos para este trabalho. A publicação investigada está contida na figura 1, abaixo:



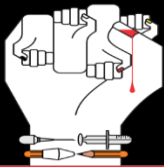
1645

Figura 1 — *Post sobre Lesbofobia*
Fonte: Página *Quebrando o Tabu* no Facebook²

A figura 1 contém uma publicação que discute a frequência com que frases preconceituosas são dirigidas a lésbicas. O *post*, utilizando recursos multissemióticos, elenca alguns desses enunciados e faz a divulgação de um conteúdo completo sobre esse tópico. Como o nosso objetivo é investigar o *post* de *Facebook* a serviço do ativismo LGBTQIA+, por intermédio do letramento digital, comentaremos a postagem a partir das cinco características que definem o hipertexto, segundo Xavier (2015).

Isso posto, no que se refere à *imaterialidade/virtualidade*, podemos conferir sua exploração pelo ativismo LGBTQIA+ nesse *post* a partir de vários pontos, sendo alguns deles comuns a qualquer publicação no *Facebook*, como: *link* para a página que realizou a postagem, *link* para o compartilhamento do *post*, caixa de comentários, recurso de “reações” etc. O que mais chama a atenção nesse *post*, no entanto, é o *link* de divulgação de um compilado de frases que lésbicas estão cansadas de ouvir (e sugestões para modificá-las). Esse material está indexado à legenda do *post* e não somente é

² Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/photos/4818210188235330>. Acesso em: 20 mar. 2022.

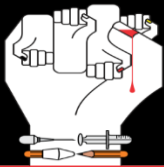


anunciado como um conteúdo mais robusto sobre o tema tratado, como também divulga o trabalho da *Nohs Somos, startup* que busca promover o bem-estar do público LGBTQIA+. Levando em consideração o que discutimos, é notório que, se essa postagem fosse impressa, nenhum desses recursos estaria disponível. Além disso, vale ressaltar que o autor do *post* conseguiu anexar a ele, via *link*, um arquivo de dezessete páginas acerca do assunto única e exclusivamente porque sabia que isso era possível, assim como o leitor só conseguirá ter acesso a isso se souber que o texto azul, presente na legenda da imagem, é clicável e pode redirecioná-lo para outro lugar do ciberespaço.

Em relação à *ubiquidade*, podemos verificar o seu uso pelos militantes LGBTQIA+ no *post* por meio do fato de que qualquer pessoa que tenha acesso ao *link* da postagem e internet disponível para uso poderá visualizá-la e interagir com ela em todo o globo, ainda que mais pessoas estejam acessando-a naquele exato momento. Isso posto, vemos que o *post* de *Facebook* não exige de seus usuários a presença no mesmo espaço/tempo para ser consumido. Observamos, também, a exploração dessa peculiaridade do gênero em questão por parte dos ativistas LGBTQIA+, os quais configuram a postagem como “pública”, o que viabiliza o angariamento de quase 2 mil curtidas, 2 mil comentários e 200 compartilhamentos. Isso se deve, igualmente, ao fato de os leitores interagirem com a publicação (curtirem, comentarem, compartilhem), o que faz os algoritmos dessa rede social impulsionarem a postagem.

Já a *convergência de linguagens* se mostra no *post* supracitado mediante vários pontos. Como exemplos, podemos citar os enunciados verbais, a configuração visual desses enunciados verbais, os símbolos, as cores, os *emojis* etc. Assim, verificamos que o *post* de *Facebook* utiliza mais de uma modalidade de linguagem em sua elaboração e organização. O interessante a se observar, aqui, é o fato de que os moderadores da página sabem exatamente o que fazer para atingir suas vontades discursivas: uma imagem colorida, em forma de anúncio, que instiga o interesse do usuário e o leva a explorar a publicação, ainda que por mera curiosidade.

Em contrapartida, o leitor precisa saber que a imagem é apenas um elemento do *post* e que a parte principal da publicação está na legenda da foto. Isso está diretamente ligado à *não-linearidade*, que se revela na postagem supracitada pelo fato de a leitura da materialidade linguística poder ser realizada a partir de vários pontos (legenda, imagem, enunciado verbal presente na imagem, comentários etc.); porém, todos eles conduzem o usuário ao cerne desse hipertexto: o *link* para a página da *startup Nohs Somos*, que fez



uma parceria com a página *Quebrando o Tabu*. Se o leitor não identificar a importância desse redirecionamento, a compreensão do hipertexto poderá ser prejudicada.

Por último, a *intertextualidade infinita* pode ser apreciada nesse *post* por meio de alguns elementos (como os não-ditos, presentes ao longo de todo o hipertexto), sendo o principal deles o fato de que os moderadores da página escolheram a cor base da bandeira do orgulho lésbico — roxo — para destacar o assunto da postagem. Isso demonstra conhecimento, por parte do autor do *post*, das estratégias da comunicação publicitária digital, que frequentemente faz uso de mensagens subliminares para atingir o inconsciente do público (BRITO, 2016), e ratifica, também, como o leitor precisa se atentar a todas as possibilidades de feitura de um texto digital no gênero *post* de *Facebook* para entender completamente a intencionalidade do autor.

1647

CONCLUSÕES

A análise dos dados mostrou várias táticas hipertextuais sendo utilizadas no *post* por parte dos ativistas LGBTQIA+, com destaque para o uso de *link* como extensão da postagem; a disponibilidade absoluta do *post* para o angariamento de capital social; a interligação de todas as partes do texto para que uma delas fosse a mais evidenciada; e o uso de símbolos LGBTQIA+ de forma subliminar, sendo que todas elas contribuíram não só para a materialização da discussão, mas também para o seu entendimento por parte dos usuários. Em ambos os casos, o letramento digital foi reclamado.

PALAVRAS-CHAVE: Ativismo LGBTQIA+. Gênero *Post* de *Facebook*. Hipertextualização. Letramento Digital.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRITO, D. P. **Publicidade subliminar na internet: identificação e responsabilização nas relações de consumo**. 2016. 257 f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Direito, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/21705/1/Tese%20-%20Finalizada%20-%20Dante%20Ponte.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2022.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

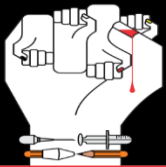
XAVIER, A. C. S. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez.

Realização:



Apoio:

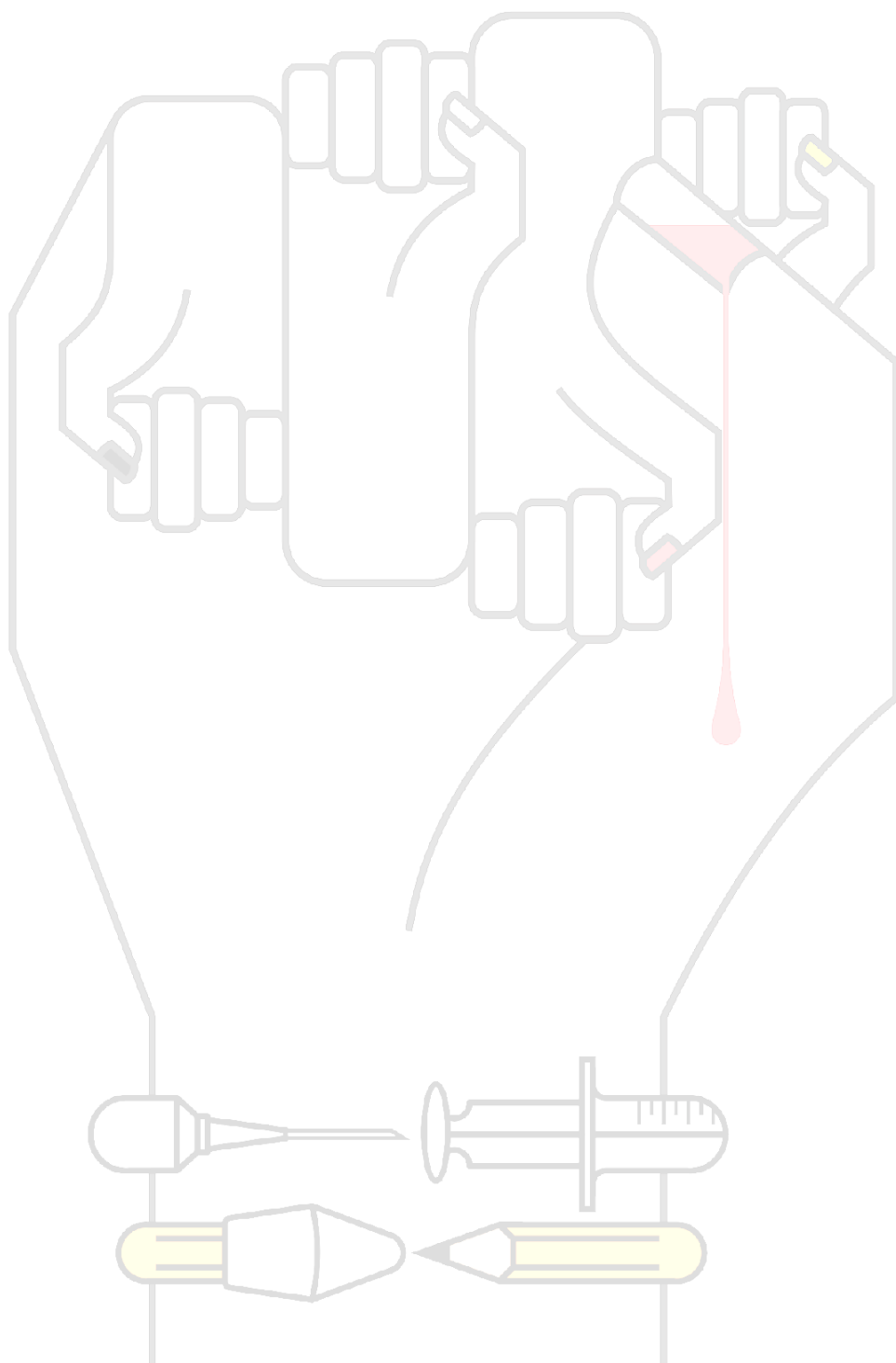




2015. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 10 ago. 2021.

1648



Realização:



Apoio:

